

Ronaldo Santana
Flaviana Rangel



Luana
a filha da Lua



Ronaldo Santana
Flaviana Rangel

Luana

a filha da Lua



J10
2014

Copyright © 2016 by Ronaldo Santana

Escrito por Ronaldo Santana e Flaviana Rangel

Projeto gráfico e diagramação
Viviane Priscinval

Ilustração da capa
Jessica Oyhenart

Revisão de texto
Marlene de Oliveira Lima

S231 Santana, Ronaldo.
Luana a filha da Lua / Ronaldo Santana, Flaviana
Rangel. – Rio de Janeiro : RJR Produções, 2016.
224p ; 23 cm.

ISBN 978-85-65465-12-0

1. Literatura infanto-juvenil. I. Santana, Ronaldo.
II. Título.

CDD - 808.899282

Ronaldo Santana

Para Paloma, Julia, Beatriz Ayumi, Lulu, Bia, Carol e Hellen
minhas musas inspiradoras.

Flaviana Rangel

Para os queridos alunos aos quais tive/tenho o prazer de lecionar, em aulas
particulares de japonês na Escola Modelo de Língua Japonesa e nos colé-
gios Estaduais Raul Ryff, São Judas Tadeu, Coelho Neto, Guadalupe e João
Salim Miguel.

2016

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora RJR Produções
Rua Miguel Lemos, 41 sala 606 Copacabana
CEP 22071-000 - Rio de Janeiro- RJ
www.RJRPRODUCOES.com.br

Milja - Värttinä

(álbum Ilmatar - K. Reiman / S. Reiman)

*Ouço um rumor nos pinhos
e sinto o vento soprando
pelos campos à margem do lago.*

*A brisa canta para meu bebê,
balançando o berço,
ajudando-o a dormir.
E o desejo de acalanto
que fizeram para a criança foi
de que a Lua nascesse dourada para dela cuidar.*

*Ouço um rumor nos pinhos
e sinto o vento soprando,
muita chuva há de cair,
muita brisa há de soprar.*

*Sim, eu posso ouvir o rumor dos pinhos,
o suave rumor das matas
o canto da grama.*

(tradução do Finlandês por Eduardo Muszkat)

Bambalalão, senhor capitão...

(...)

*Lua, luar
toma teu andar,
pega esta criança
e me ajuda a criar,*

*depois de criada
torna a me dar,
lua, lua, luar
toma teu andar.*

(canção de roda que Flaviana cantava no Colégio Imaculado Coração de Maria - 1984)

Capítulo 1

Talvez eu devesse começar pelo primeiro dia, se este não tivesse sido tão inexpressivo, monótono e incrivelmente chato. Seria uma completa perda de tempo do leitor, não fosse por uma única informação: no dia seguinte haveria aula de Educação Física, portanto todos deveriam trazer roupas de ginástica. Sendo assim, posso ignorar este dia bobo e partir diretamente para...



O Segundo dia de aula.

Ingrid trançava os longos cabelos de Luana durante a primeira aula, que era de português. Isso, com certeza, já que a professora era a de português e o horário no calendário confirmava! Agora, não espere que o assunto das três garotas mais populares da sala fosse sobre aquela matéria. Como eu ia dizendo, Ingrid trançava os longos cabelos de Luana, enquanto as duas conversavam com Vitória sobre a próxima aula que, repito, seria de Educação Física. Por isso as tranças, já que correr com aquela cabeleira seria um exercício além dos demais, pois o cabelo ia até o fim das costas e início das coxas. Luana, uma garota com traços indígenas, muito bonita, de lábios grossos e olhos apertados, seria uma típica índia brasileira, não fossem seus cabelos cor de prata. Não simplesmente grisalhos como os de uma anciã, nem amarelados como os platinados da moda: prateados. Brancos, brilhantes e muito chamativos! Com certeza, a principal característica que fazia de Luana a segunda garota mais popular, além, é claro, de ser inteligente, engraçada, prestativa e muito companheira, era ser bem vista por todos, desde os professores aos colegas de classe, os outros alunos da escola e até qualquer um que, simplesmente, a visse andando nas ruas da cidade ficaria intrigado. Ela era ímpar. E tal efeito não se conseguia com tratamentos em cabeleireiros. Era natural! Luana havia nascido assim. E a origem de seus cabelos era tão desconhecida quanto a sua própria, já que ela havia sido encontrada abandonada numa igreja quando recém-nascida. Tivera a sorte de ter sido adotada ainda muito cedo, mas não fosse a completa e notória disparidade entre ela e o casal de caucasianos, talvez pudesse ser tranquilamente tomada por filha biológica deles, brasileiros descendentes de italianos. Em algum momento de sua infância, que ela não saberia precisar, eles tiveram que esclarecer, afinal, como uma índia de cabelos prateados poderia ser filha de dois ítalo-brasileiros?

Vitória, a outra menina, era a mais bonita. A mais adorável e cobiçada garota de 13 anos daquele colégio. Sempre muito bem vestida, extrovertida e dona de um estilo atual, admirada pela esmagadora maioria das adolescentes. Era ligeiramente mais velha que suas duas melhores amigas e



visivelmente mais desenvolvida. Já fazia trabalhos como modelo fotográfico e de passarela. Fascinada pelo mundo da moda, mantinha um “*blog*” de tendências. Sob suas “ordens”, as outras duas invariavelmente a acompanhavam no shopping para passear e acompanhar as novidades da moda.

Ingrid era a mais quieta do trio. Uma mulata de lábios carnudos, sorriso largo e cabelos crespos, os quais ela teimava em tentar domar por cremes, como se seus belos e revoltos cachos fossem uma ofensa ao bom gosto. A mais romântica e doce das três! Admirava suas amigas como divas da música ou do cinema. Diferente das outras, Ingrid não vinha de família abastada. Sua mãe trabalhava como camareira em um luxuoso hotel, à beira-mar, um dos mais tradicionais do Rio de Janeiro. Nunca poderia pagar a mensalidade daquela escola, não tivesse sido o esforço em fazer uma ótima prova e ter sido beneficiada com bolsa de estudos. Morava longe da zona sul, mas como sua mãe tinha que ir para aquela região todos os dias, era cômodo que sua filha estudasse por perto. Ingrid só voltava para casa, em Niterói, à noite, quando sua mãe saía do emprego. Pela manhã, ela ficava na escola e, à tarde, acompanhava suas amigas por onde fossem. Almoçavam juntas, passeavam no shopping, algumas vezes iam ao cinema, ou ficavam na casa de Luana, fazendo algum trabalho escolar, ou na de Vitória para atualizar o *blog*, batizado de “Segredos de Vitória”.

Terminada a aula de português, todos na turma se levantaram, saíram de sala e desceram as escadas em direção à quadra. Mesmo de cabelos trançados, era impossível não notar Luana, principalmente os alunos novos.

– É incrível como você sempre chama a atenção, Luana. Ficam todos comentando! – falou Ingrid, ainda surpresa com a comoção que a amiga sempre causava por onde andava.

– Ih, eu já acostumei! Antes, eu até me irritava com tanta gente falando de mim, mas hoje, acho até divertido. – disse a garota com um sorriso orgulhoso nos lábios.

– Separei o *link* da coleção que a *Fabulous* acabou de lançar. Vocês precisam ver! Vai ser difícil escolher...

“Não para mim. Do jeito que essa loja é cara, nem preciso me preo-

cupar com isso. Nunca poderia comprar nada lá mesmo...”, pensou Ingrid, sem trair no sorriso interessado a leve amargura que sentia no coração.

– Quando voltarmos pra sala, eu mostro. Aliás, eu tava muito a fim de dar uma olhadinha no shopping mais tarde. Eu vi uns modelos que vocês vão amar. Eu tô louca por isso, não vejo a hora de mostrar a vocês!

– falou Vitória, eufórica. Luana riu daquela empolgação.

Na quadra, todas fizeram alongamento, correram dando dez voltas e jogaram voleibol, o esporte favorito de Luana. Primeiro as meninas, depois os meninos. Nesse esporte, Vitória não era a melhor, ela se destacava no basquete, pois era mais alta que as outras e surpreendentemente mais ágil. Não era possível todas jogarem ao mesmo tempo, então um grupo de meninas ficou esperando na arquibancada até a primeira partida terminar. Era possível ver um grupinho fazendo careta para as mais populares. Isso sempre incomodava Ingrid, a única que parecia se importar com esse tipo de atitude. Luana e Vitória mantinham-se alheias a esses grupos de meninas. Pareciam mais preocupadas em ganhar o jogo e ganharam mesmo! Então, chegou a vez das que estavam sentadas disputarem com as vitoriosas.

– Nós vamos estraçalhar vocês, metidinhas! – falou Brenda, uma garota negra muito acima do peso.

– Falar é fácil, quero ver fazer! – respondeu Luana, confiante na derrota das adversárias.

Brenda dava a impressão de ser lenta, devido ao peso, mas isso não condizia com a verdade. Se fosse mais magra, certamente poderia entrar para alguma liga; entretanto, o dia parecia mesmo ser do time de Luana. Venceu sem muita dificuldade.

O sinal tocou ao meio dia. As três foram para a casa de Vitória, a cinco quadras da escola. Tomaram banho, trocaram de roupa e foram para o shopping almoçar. Era bastante comum Ingrid usar as roupas das amigas, já que morando longe e tendo um guarda-roupas mais limitado, era conveniente se “disfarçar” de Vitória e Luana de vez em quando. Isso não a incomodava tanto quanto ter que, quase sempre, aceitar a gentileza das amigas,



que muitas vezes insistiam em lhe pagar a refeição. A jovem, contudo, não se constrangia, ou ao menos não demonstrava. Aceitava, oferecendo em troca seu mais radiante sorriso. Como as meninas nunca iam para longe, a mãe de Vitória não se preocupava em deixá-las andar sozinhas. Nem se importava que deixassem de almoçar em casa, para comer na rua. Ela mesma, às vezes, as acompanhava, quando o trabalho permitia. Esta, sim, colunista profissional de uma famosa revista de moda. Tinha uns horários bem loucos de trabalho. Às vezes passava o dia trabalhando em casa, às vezes permanecia no escritório na Gávea. A verdade era que Vitória era louca pela mãe. Espelhava-se nela, uma mulher elegante, estilosa e de um humor bem ácido. Infelizmente não tinha muito tempo para a família, embora se esforçasse para ficar com a filha, pelo menos, um pouquinho todos os dias, uma hora que fosse. Acompanhava o *blog* da filha e sempre deixava comentários. O pai de Vitória, este, só nos fins de semana. Seus pais haviam se divorciado há quatro anos e Vitória já havia se habituado a tal rotina.

No shopping, Vitória seguia pelos corredores gesticulando muito e esbanjando elogios sobre a coleção da grife sobre a qual passara a manhã inteira falando. Suas amigas já não aguentavam mais tanta euforia, até que finalmente chegaram à loja. Vitória parecia em êxtase! Já, Luana e Ingrid, não mostraram o mesmo entusiasmo. A amiga tinha aumentado tanto as suas expectativas, que por fim não acharam lá essa maravilha toda.

– Está legal, bonita, mas nem tanto, né Vi? – falou Luana levantando a sobrancelha esquerda e baixando a direita, com aquela expressão de desdém, típica dela, capaz de irritar qualquer um.

– Você é muito sebosa Lua! Tenho certeza que a Ingrid curtiu, certo?

– Estou usando suas saias, concordo com o que você quiser! – respondeu Ingrid sarcasticamente. Ela sempre respondia assim, quando discordava de algo, mas não queria assumir.

– Vocês são duas palhaças, isso sim!

– Vitória ficou emburrada, mas não estava verdadeiramente aborrecida, a intimidade das três era tamanha que a sinceridade imperava.

Almoçaram na praça de alimentação, conversando animadamente



e, ao mesmo tempo, lançando olhares às pessoas presentes. Um lindo rapaz, uma menina vestida com gosto duvidoso, um casal incrível formado por um garoto extremamente bonito e uma menina “sem sal”, um grupo de adolescentes que entrava na lanchonete ao lado... Depois disso, caminharam até o cinema para ver o que estava em cartaz. Ingrid adorava quando as meninas sugeriam ir ao cinema, pois considerava um passatempo barato (obviamente, graças à sua carteirinha de estudante, que lhe garantia meia-entrada) e menos desgastante, que passear de loja em loja e desejar todas aquelas coisas lindas que apenas suas amigas poderiam comprar. Pegaram a sessão das 14:50h, uma comédia romântica.

Pouco antes das 17:00h, elas saíram da sessão. O filme tinha sido quase uma total perda de tempo, do ponto de vista de Vitória, que postaria sua crítica no *blog*, apesar da indumentária do filme ter sido primorosa, segundo seus critérios. Luana e Ingrid tinham gostado do filme, mas Vitória, não raramente, era do contra.

– Ai, precisamos ir pra minha casa agora, eu tenho que postar sobre esse filme! – falou Vitória.

– Tá quase na hora da mãe da Ingrid sair do trabalho. É melhor a gente dar um tempo... Ingrid, avisa sua mãe pra encontrar a gente aqui! – falou Luana, olhando no relógio de pulso.

– Tá. – disse a mulata, procurando o celular na bolsa.

– Ah, a mãe dela pode pegá-la lá em casa. O que é que tem demais? – insistiu Vitória, ainda eufórica.

– Porque é mais prático no shopping, né? É um pouquinho só, Vi! Aguenta essa ansiedade! – rebateu Luana.

Ingrid só mandou um SMS para avisar a mãe.

As garotas continuaram rodando no shopping por mais um tempo.

Esse teria sido só mais um dia na rotina dessas três amigas, que se conheciam desde os nove anos de idade. E mesmo sendo o início de mais um ano letivo, não teria nada de especial, como fora o primeiro dia. Não fosse se, ao menos desta vez, Luana tivesse cedido aos impulsos egoístas de sua amiga. Se elas tivessem ido para a casa de Vitória, assim que saíram do cinema, possivelmente Luana jamais teria sido vista por aquela mulher, ou, ao menos, não teria acontecido tão cedo. Como saber? O fato é que, mes-



mo diante de pessoas acostumadas com seus cabelos prateados, andando por ali ela ainda chamava a atenção. Para as que a viam pela primeira vez, era sempre chocante. Portanto, seria impossível para Luana, se misturar na multidão e nunca ter sido avistada por Irina. Uma mulher que havia entrado naquele shopping pela primeira vez. Normalmente, ela ficava do lado de fora, panfletando para sua patroa e mestra, a Madame Zilá, uma velha cigana que prestava consultas espirituais, quiromancia, fazia mapas astrais e outros serviços supostamente ciganos. Digo “supostamente” porque a velha Zilá misturava alguns conhecimentos do Candomblé e da Pajelança Cabocla, que combina elementos do catolicismo popular, das culturas indígenas, da encantaria, da medicina rústica e de outros componentes da cultura e religiosidade popular. Irina tinha uma relação de dívida muito grande com Madame Zilá e, enquanto aprendiz de feiticeira, deveria prestar favores como esse, o de panfletagem pelas ruas da cidade.

Naquela tarde, resolveu entrar para conhecer o shopping. Ela sempre evitou isso, por não ter dinheiro o bastante para consumir e pelo fato de que, por onde quer que andasse, os seguranças a seguiam, descaradamente vigiando. Uma sensação horrível a qual ela julgava não ter que se prestar. Mas, naquele dia, havia resolvido, desde que acordara, que entraria lá. Escolheu sua melhor roupa e procurou evitar o sol. Trabalhou à sombra, todo o dia, para evitar suar. Queria manter uma boa aparência. Ela não tinha muitas folgas, mas fazia daquele fim de tarde um momento de distração. Irina era uma bela mulher, ainda jovem, de cabelos curtos, face redonda: seus traços e tom de pele não escondiam sua natureza indígena. Não tinha planos de fazer compras, apenas passear e se distrair.

Foi quando, no corredor, avistou Luana. Ficou boquiaberta. Esfregou os olhos para ver melhor e não deixar a menor dúvida de que estava vendo um fantasma do passado. Era ela, não tinha como não ser. Qual a chance de haver duas ou mais crianças com as mesmas características naquela cidade? Embora a estivesse procurando por tantos anos, não imaginava que a encontraria assim, tão por acaso! Ou teria sido o destino, já que normalmente ela jamais entraria naquele ou em qualquer outro shopping? Ela ainda estava em choque, quando Ingrid, que parecia sempre notar quando as pessoas reparavam em Luana, observou-a longamente. Já

Luana, por hábito, procurava sempre ignorar esse tipo de reação. Irina se deu conta que tinha sido vista pela menina e procurou se recompor, fechou a boca e pôs-se a andar pelo corredor à procura do *toalete*. Entrou correndo em uma das cabines. Baixou a tampa do sanitário e sentou-se. Tirou suas melhores sapatilhas, já gastas, é verdade, mas ainda em bom estado, pôs os dois pés nus naquele chão frio. Abriu a bolsa e retirou um pote de vidro com uma loção que esfregou nas mãos. Manteve as mãos juntas na frente do rosto em pose de prece e começou a recitar, baixinho, algumas palavras mágicas. Logo estava imóvel, como se tivesse virado uma estátua. Mas no chão, debaixo das solas de seus pés, sua sombra tomou vida. A sombra se esgueirou pelos cantos, pelo rodapé, passou por debaixo da porta do banheiro e se moveu rapidamente, pulando para regiões de sombras do shopping. A sombra estava à procura do trio de meninas. Voltou ao ponto de onde as viu, mas já haviam sumido. Continuou procurando pelos arredores e as encontrou dentro da livraria, na sessão de periódicos. As três olhavam as revistas “teen” do mês. O borrão escuro buscou um ângulo sobre as cabeças das meninas. Queria olhar bem para o rosto de Luana. Havia se tornado tão grande e bonita! Irina pensou neste momento durante anos, tanto tempo, que quase não acreditava que de fato poderia estar acontecendo. Agora ela estava ali, bem diante de seus olhos. Ela podia ouvir a conversa das meninas, foi assim que descobriu os nomes das três. Elas se afastaram e foram para a fila do caixa pagar pelas revistas. A sombra as seguiu. E seguiria por muito mais tempo ainda. Foi assim que Irina acompanhou os passos das três por todo o shopping. Viu quando a mãe de Ingrid veio buscá-la. Seguiu as duas meninas até a casa de Vitória, mas não conseguiu entrar na casa. O alcance de seu território havia chegado ao limite, sendo assim, precisou retornar até aquele banheiro do shopping, voltando para a sola dos pés de sua dona. Só assim Irina pôde voltar a se mover. Sua alma, aquela que podia passear pelas sombras, tinha voltado ao seu corpo original. Abriu os olhos e descolou as palmas das mãos. Deu uma longa puxada de ar e, quando o soltou, o fez juntamente a um pigarro seco como se tivesse ficado sem respirar por todo esse tempo. Seu coração voltou a bater, seus olhos lacrimejaram e, aos poucos, seu corpo voltou às funções normais e ela conseguiu calçar as sapatilhas. Levantou-se, apertou



o botão de descarga para disfarçar e saiu da cabine. Caminhou até a pia, limpou as mãos de óleo, lavou o rosto e pescoço. Isso fez a sua pouca maquiagem manchar, todavia não se importou. Manteve os pulsos em água corrente por algum tempo. Esse encantamento era ainda muito avançado para ela e sempre a desgastava. Certamente, quando saísse daquele lugar iluminado, iria para a rua, entraria em alguma pensão ou restaurantezinho e comeria um boi inteiro. Mas naquele instante, a única coisa que passava por sua mente era: “Eu vou matá-la”.

Luana é uma menina de 12 anos que teria tudo para ser como as outras, não fossem seus estranhos cabelos prateados, cuja origem é um verdadeiro mistério.

Um enigma que Luana terá que desvendar, pois sua vida corre perigo quando uma feiticeira aparece para matá-la e, inconscientemente, um poder descomunal proveniente de seus cabelos a salva.

Agora, ela precisa descobrir sua origem para entender esses poderes, antes que a feiticeira Irina os roube dela, usando-os para o mal.



“UM LIVRO REPLETO DE MAGIA, AMIZADE E MISTÉRIO!”

Renata Ventura

Autora da saga *A Arma Escarlate*

“MISTURE UM PUNHADO DE HARRY POTTER, UMA GENEROSA DOSE DE DEUSES DE DOIS MUNDOS E ACRESCENTE UMA PITADA DE STRANGER THINGS. FERVA TUDO NUMA TRAMA DE FEITIÇARIA COM MENINAS ADOLESCENTES E DEIXE CHEGAR AO PONTO DE MUITO MISTÉRIO. ESTÁ PRONTA A POÇÃO MÁGICA DE RONALDO SANTANA E FLAVIANA RANGEL, QUE NOS PROVOCA COM ENIGMAS E SEGREDOS DE UMA CERTA ÍNDIA DE CABELOS PRATEADOS.”

Andre Bello

Autor de *Acredite!*

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-65465-12-0



9 788565 465120

